



As metodologias de ensino de Geografia na Escola Estadual Antônio Pinto de Medeiros, Natal/RN: a percepção dos estudantes.

Maria Cristina Cavalcante Araújo¹, Levi Rodrigues Miranda², Luzia Maria de Siqueira Lehum³, Evenny Joseppy Bezerra de Oliveira³, Mora Gabriela Torres dos Santos Inácio³, Guilherme Cesar de Oliveira Silva³

¹ Doutoranda em Recursos Naturais – UFCG. e-mail: cristina.cavalcanti@ifrn.edu.br

² Mestre em Arquitetura e Urbanismo – UFRN. e-mail: levi.miranda@ifrn.edu.br

³ Graduandos do Curso de Licenciatura em Geografia – IFRN. Bolsistas da Capes. e-mail: lulehum@gmail.com; evenny.joseppy@hotmail.com; mora_torres@hotmail.com; g.cesar06@yahoo.com

Resumo: Há algum tempo se discute a necessidade de renovação das metodologias de ensino aplicadas nas mais diversos campos do saber, dentre eles a Geografia. Com o intuito de realizar um sintético levantamento sobre algumas técnicas de ensino de Geografia desenvolvidas na Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros (EEAPM), Natal/RN; bem como os anseios de seus estudantes com relação à abordagem dos conteúdos dessa disciplina, aos graduandos de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) atuantes na citada escola realizaram uma pesquisa no primeiro semestre do corrente ano, a qual deu origem ao presente artigo. A análise dos dados coletados sinaliza para um cenário preocupante e já bastante conhecido na maioria das escolas públicas brasileiras em que ainda predomina o uso de metodologias de ensino pouco motivadoras de aprendizagem. O lúdico, o criativo tem pouco espaço na sala de aula. Na visão dos estudantes persiste, ainda, um ensino calcado nos métodos tradicionais. No mundo contemporâneo o constante assédio dos veículos de comunicação (televisão, internet, rádio), cada vez mais interativos, põe na ordem do dia a superação das metodologias de ensino tradicional. O levantamento desse panorama foi de suma importância, pois permitiu o direcionamento da atuação dos bolsistas do PIBID na escola, visando à busca de abordagens diferenciadas para o ensino de Geografia, de modo que este se torne mais dinâmico e atraente, sempre com vistas a possibilitar o exercício da cidadania.

Palavras-chave: metodologias, geografia, PIBID, escolas publicas

1. INTRODUÇÃO

No contexto do mundo contemporâneo, globalizado e de fluidez informacional exige-se da escola um novo papel no que diz respeito às práticas de ensino desenvolvidas no ambiente escolar. Diz-se que na escola pública brasileira ainda persiste um ensino calcado na assimilação acrítica, na memorização/repetição dos conhecimentos mesmo com avanços nas teorias de aprendizagem e na própria sociedade de modo geral, mas como nenhuma informação sobre educação pode ser levada de maneira genérica e imutável não é possível fazer tal afirmação. Mas é possível afirmar que dentre os desgastes ocorridos ao longo dos anos no enfrentamento dos gargalos que emperram o cumprimento do papel social estão a desvalorização da carreira docente, os baixos investimentos no setor educacional, a descontinuidade das políticas educacionais e outros.

Na perspectiva da superação desse cenário, novas propostas são lançadas. Dentre essas propostas destaca-se o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, que é uma iniciativa do governo federal com a intenção de unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) encontra-se abaixo do média nacional, 4,4 (MEC).

Este trabalho discorre sobre os resultados de uma pesquisa realizada na Escola Estadual Antônio Pinto de Medeiros (EEAPM), Natal, Rio Grande do Norte, pelos bolsistas do PIBID de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, cujo objetivo era traçar um sintético panorama sobre as metodologias de ensino de Geografia desenvolvidas na referida escola, assim como a percepção dos estudantes do que é



Geografia e também identificar possíveis falhas na aplicação do ensino e formar um perfil dos alunos; para dessa maneira permitir a formulação de possíveis ações com a intenção de melhorar e facilitar a apreensão dos conteúdos dessa disciplina pelos alunos.

2. O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID

Criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, através de sua Portaria Normativa nº 122, de 16 de setembro de 2009 (BRASIL, 2009), o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID – tem como objetivo principal o apoio à formação de estudantes que optam pela carreira docente a partir do fomento a iniciação à docência.

O Programa efetiva-se por meio do estabelecimento de convênios entre as instituições de educação superior, que forneçam cursos de licenciatura, e as redes de educação básica pública com vistas a promover a atuação dos graduandos em formação inicial nas práticas pedagógicas dessas escolas. Celebrado o convênio, a CAPES concede bolsas para professores coordenadores, docentes locados na escola de educação básica e os licenciandos selecionados.

Os professores coordenadores correspondem aos docentes ligados às instituições de educação superior e tem como responsabilidade o acompanhamento do planejamento, a organização e a execução das atividades previstas, além do auxílio aos estudantes-bolsistas no suprimento das dificuldades que encontrarem no exercer de suas tarefas. Já o docente em exercício na escola de educação básica, participante do projeto, atua supervisionando as atividades dos bolsistas; ele é a ponte entre a universidade e a escola básica. (BRASIL, 2010).

O PIBID surge num contexto crítico para educação básica pública nacional em que a desvalorização da carreira docente e os baixos investimentos no setor, ao longo dos anos, geraram um cenário desanimador marcado pela descrença na qualidade do ensino público.

No Rio Grande do Norte o Programa é desenvolvido por quatro instituições de ensino superior, a saber: as universidades Federal e Estadual do Rio Grande do Norte – UFRN e UERN respectivamente – a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) (BRASIL, 2011). Neste último, o projeto atual abrange os cursos de licenciatura em Espanhol, Geografia, Física, Matemática e Química (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2011).

No âmbito do subprojeto da licenciatura em Geografia, até o período da realização da pesquisa utilizada para a elaboração deste artigo, o PIBID desenvolvia-se em quatro escolas da rede estadual de educação básica: Escola Estadual Professor Castro Alves, Escola Estadual Professor Francisco Ivo Cavalcanti, Escola Estadual Professora Josefa Sampaio e Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros (EEAPM). A partir do segundo semestre deste ano o PIBID IFRN passou a atuar em mais quatro escolas: Escola Estadual Ferreira Itajubá, Escola Estadual José Fernandes Machado, Escola Estadual Nestor Lima e Escola Estadual Walter Duarte Pereira. Totalizando oito escolas parceiras do programa PIBID/IFRN na cidade de Natal.

Intitulado “Por uma leitura geográfica e transformadora de meu lugar-mundo” tem como objetivos: permitir aos estudantes-bolsistas vivenciar a prática docente; oferecer suporte teórico-prático aos professores das escolas públicas em suas atividades pedagógicas; produzir material didático e desenvolver atividades lúdicas de maneira a dinamizar o ensino de Geografia e contribuir para minimização dos problemas de repetência, baixa frequência escolar e desmotivação; e promover a articulação integrada da Educação Superior do sistema público federal com a Educação Básica do sistema público estadual (RIO GRANDE DO NORTE, 2011).

3. O ENSINO DE GEOGRAFIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: O PAPEL DAS METODOLOGIAS DE ENSINO

Não é recente a discussão sobre a necessidade de renovação tanto das práticas de ensino quanto dos conteúdos de Geografia. Pontuschka (2007) nos esclarece que os estudantes hoje em dia desejam ser protagonistas de suas histórias e o seu anseio é que se pense em um ensino capaz de formar sujeitos críticos, criativos, flexíveis e reflexivos. Nota-se o distanciamento entre o que a autora nos propõe e o que é realidade em muitas escolas, o descompasso entre as exigências do mundo



contemporâneo e o ensino que é ofertado. O predomínio de uma abordagem tradicional desvinculada dos objetivos de aprendizagem, amiúde tem atribuído à Geografia escolar um rótulo nada agradável: o de disciplina mnemônica, sem utilidade. Apesar das pesquisas existentes que apontam para urgência de superação desse quadro, ainda está longe à visualização de uma luz no fim do túnel. Na maioria das escolas brasileiras ainda prevalece o que Freire (2012) chama de “educação bancária”. Assim a procura por técnicas que proporcionem o exercício da leitura crítica do espaço faz-se extremamente necessária principalmente diante do contexto de um mundo globalizado, em que as constantes e rápidas modificações exigem uma postura diferenciada da escola. Já não se pode conceber que os indivíduos que frequentem esta instituição continuem a ser meros espectadores do processo de aprendizagem.

Sobre a urgência na superação do cenário acima, Martins (2011, p. 66) esclarece que:

Falar do papel da escola hoje implica destacar as mudanças da sociedade ligadas às transformações e os avanços tecnológicos, científicos e nos meios de comunicação que influenciaram no mercado de trabalho, impulsionando o processo de qualificação profissional. Essa nova realidade exige que a escola repense seu papel e sua organização

Em se tratando do ensino de Geografia essa superação dos métodos supracitados é fundamental para que os estudantes percebam a importância desse conhecimento para compreender os fenômenos geográficos no contexto do mundo globalizado atual. O ensino dessa ciência deve permitir ao aluno descobrir o mundo em que vive atentando para uma abordagem crítica das questões ambientais e as relações sociedade/natureza, realizar estudos do meio a fim de que o conteúdo ensinado não se restrinja ao teórico, mas abarque o real, o cotidiano das pessoas (VESENTINI, 2011 apud, MARTINS 1996).

De acordo com o autor, é necessária uma mudança na prática do ensino da geografia, mudança essa que leve os alunos a pensarem sobre o seu papel na sociedade, sabendo se portarem criticamente diante dos problemas sociais e etc. São algumas metodologias eficazes e que podem auxiliar o professor de geografia nessa perspectiva, a aula de campo, o seminário, o debate, a roda de leitura e posterior discussão entre os alunos e professor. Metodologias que permitam haver um diálogo entre o aluno, o professor e o tema, até mesmo a aula expositiva por vezes criticada, se for acompanhada de um diálogo, constitui-se em uma metodologia de ensino que cria um espaço propício para a exposição de ideias e pensamentos. Entretanto, é preciso observar qual metodologia é a melhor a ser aplicada visando seus objetivos e nunca esquecer que essas devem sempre ser carregadas de importância e sentido para os estudantes.

Muito mais do que saber a capital dos estados brasileiros a geografia escolar têm de ser ferramenta para que os estudantes intervenham na realidade, exercitando a sua cidadania. Recorremos novamente a Martins (2011, p. 65 apud VESENTINI, 1992) para afirmar que o ensino da Geografia precisa ser desenvolvido de forma que o educando possa,

se libertar das amarras da dependência intelectual e de pensamento, encontrar a sua criatividade e imaginação, aprender a pensar a partir do diálogo com o real e com as obras culturais, se descobrir como cidadão e, conseqüentemente, agente de mudanças (grifos nossos).

Pode-se perceber isso quando levamos um a ser debatido e esse assunto abrange a realidade dos alunos. Entusiasmados e ‘sujeitos do processo’ esses se interessam pelo tema, pela conversa, pela resolução de problemas e conseqüentemente pela disciplina, pois neste momento a geografia passa a “fazer parte” e ter sentido na vida do estudante despidendo-se somente de conhecimento memorável e natural que muitos trazem. Freire (1996) expressa que é exigência para a prática docente a apreensão da realidade, nesse sentido entende-se que enquanto os conteúdos e as práticas pedagógicas forem desvinculadas da vida dos estudantes essas não terão seu merecimento reconhecido, sendo concebidas



como ‘uma pedra no meu sapato’ ou ‘mais uma disciplina na minha escola que não serve para nada’ ou seja, estaríamos somente reproduzindo e fazendo-nos reproduzir num ciclo que não proporciona ao estudante a crítica e a transformação da realidade que esse vive. Reitera-se que a disciplina geográfica deve criar um ambiente e propor temas e discussões que sejam relevantes e não alienantes para a vida dos estudantes.

Somente através da utilização de metodologias de ensino instigadoras da curiosidade e da criatividade é que se pode operar uma transformação no ensino de Geografia. Não se trata de “pedagogizar” os conteúdos geográficos, tornando-os demasiadamente simplistas, como bem aponta Oliva (2011); os objetivos devem justificar as práticas e não o contrário. Para tanto é imprescindível o profundo conhecimento dos conteúdos Geográficos.

4. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa teve como procedimento metodológico adotado o questionário. Tal questionário foi distribuído a todos os bolsistas do PIBID Geografia do IFRN, pela coordenação deste programa, para ser aplicado em todas as escolas participantes do programa no município de Natal -RN, atendidas pela licenciatura em Geografia do IFRN. O objetivo principal foi a caracterização da escola acerca da percepção dos alunos em relação à Geografia e às metodologias adotadas no ensino da referida disciplina nas escolas atendidas pelo programa. Neste artigo, levamos em consideração especificamente dos dados coletados na EEAPM.

O Referido questionário, aplicado no primeiro semestre do corrente ano, submetido a 100 estudantes de todos os períodos (6º ao 9º anos, ensino médio, e EJA – Educação de Jovens e Adultos) da EEAPM; continha questões subjetivas, que tratavam sobre a percepção dos estudantes do que é Geografia; e questões de múltipla escolha, direcionadas a identificação das metodologias de ensino adotadas na referida disciplina.

Todos os questionários respondidos pelos alunos foram utilizados para a elaboração desta análise.

Os resultados, descritos a seguir, contribuirão para um melhor direcionamento das futuras ações dos bolsistas do PIBID de Geografia do IFRN atuantes na escola.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, buscou-se identificar a percepção dos alunos da EEAPM sobre quais metodologias podem facilitar o processo de aprendizagem em Geografia; constatou-se que os mesmos atribuem grande ênfase às metodologias que prezam pelo dinamismo e pelo “aprender fazendo”. Tal fato pode ser comprovado na figura 1, em que, de acordo com os alunos, a falta de aulas práticas em laboratório e de aulas de campo, por exemplo, foi apontada como um possível fator limitante na apreensão dos conteúdos de Geografia.

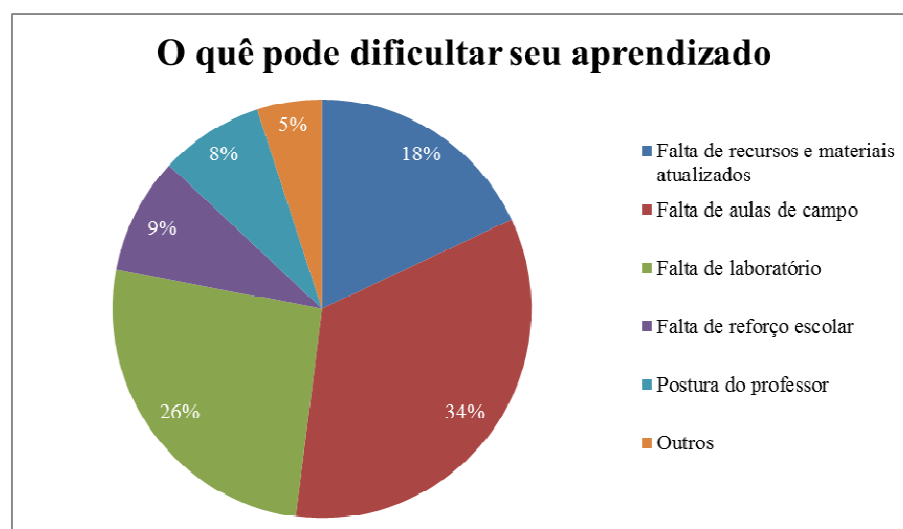




Figura 1: Avaliação dos estudantes sobre as situações que podem prejudicar o aprendizado em Geografia.

Observe-se, ainda na figura 1, que outro dado interessante levantado pelos estudantes diz respeito à necessária/constante atualização dos recursos/materiais utilizados em sala. A escola do mundo contemporâneo, precisa estar atenta às transformações que ocorrem na sociedade, caso contrário o ensino tornar-se-á obsoleto e desprovido de sentido. O mesmo questionário solicitou, ainda, que os respondentes indicassem a frequência de utilização de metodologias de ensino como: aulas de campo, jogos, recursos eletrônicos (informática, filmes, jogos eletrônicos etc.), teatro e maquetes.

Sobre a regularidade na utilização da aula de campo no ensino de Geografia, grande parte dos estudantes (91%) apontou que essa prática dificilmente ocorre na escola; note-se a esse respeito na figura 2.

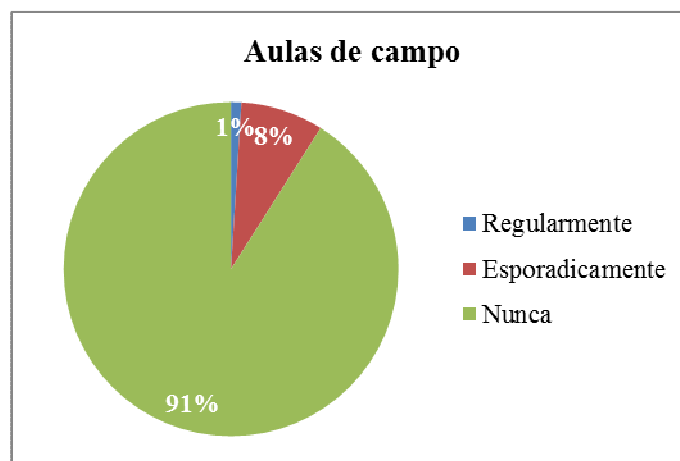


Figura 2: Frequência no desenvolvimento/realização de aulas de campo na EEAPM.

O cenário acima destacado é preocupante para o ensino de Geografia, logo ela que lida com o espaço. Como bem apontam Farina e Guadagnim (2007, p.111)

Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo. Mas mais do que isso, atividades práticas fora do ambiente escolar são fundamentais no ensino de geografia, pois permitem ao professor a proposição de questões reais e de importância concreta para os alunos

Com relação à utilização de recursos eletrônicos e jogos, figuras 3 e 4, os resultados não são animadores e indicam o predomínio do uso de metodologias de ensino pouco motivadoras.

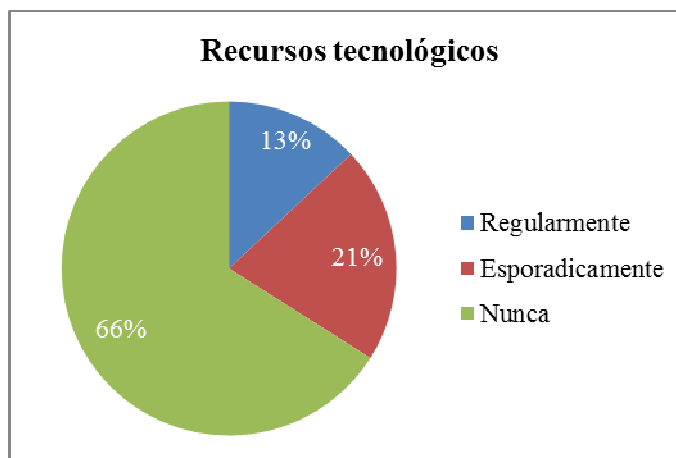


Figura 3: Frequência de utilização de recursos tecnológicos (informática, filmes, jogos eletrônicos) aulas de Geografia da EEAPM.

Para 66% dos respondentes, recursos tecnológicos como filmes e jogos eletrônicos não são aplicados na sala de aula. Já quanto ao uso de jogos, apenas 15% dos estudantes afirmaram ser essa metodologia desenvolvida com maior frequência. No que se refere ao uso da tecnologia computacional é importante destacar que a maioria das escolas públicas brasileiras não dispõe de laboratórios de informática o que acaba por inviabilizar a utilização desse recurso.

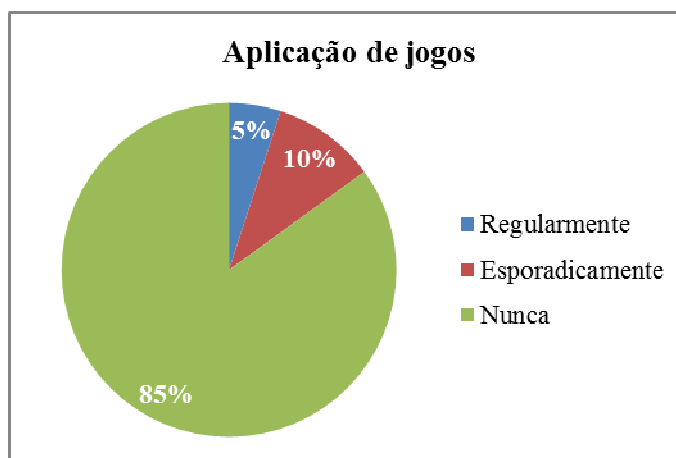


Figura 4: Frequência de utilização/aplicação de jogos nas aulas de Geografia da EEAPM.

O uso de jogos possibilita uma maior participação dos discentes no processo de aprendizagem; é um convite ao exercício da criatividade, do espírito colaborativo, muitas vezes sufocados nas salas de aula pelo emprego excessivo de metodologias tradicionais de ensino.

Em face da dinamicidade do mundo atual, os estudantes são constantemente assediados pelos veículos de comunicação, cada vez mais interativos. Levar tais recursos para dentro da escola, não é só uma forma de tornar as aulas mais próximas da realidade dos estudantes, mas, também, de problematizar as informações que são transmitidas por esses veículos. A esse respeito, Passini *et al* (2011, p. 99) destacam que

Nas salas de aula falta motivação. O sistema educacional não pode perder de vista tal realidade; não pode acreditar que o método do discurso professoral seja suficiente para a formação de seres pensantes e atuantes na sociedade,

pois tais habilidades não se adquirem por um passe de mágica, mas, sim, pela prática na realidade cotidiana.

Em relação ao emprego de maquetes e de atividades teatrais, figuras 5 e 6, os dados não diferem, de um modo geral, daqueles observados nas metodologias descritas acima. Para metodologias como teatro 89% do estudantes afirmaram nunca ter utilizado essa técnica nas aulas. Para as maquetes mais das metade (73%) indicou não ter trabalhado com maquetes.

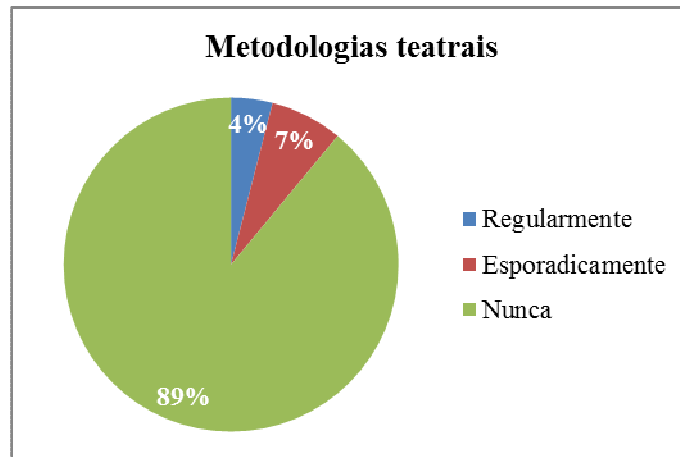


Figura 5: Frequência de utilização de metodologias como teatro aulas de Geografia da EEAPM.

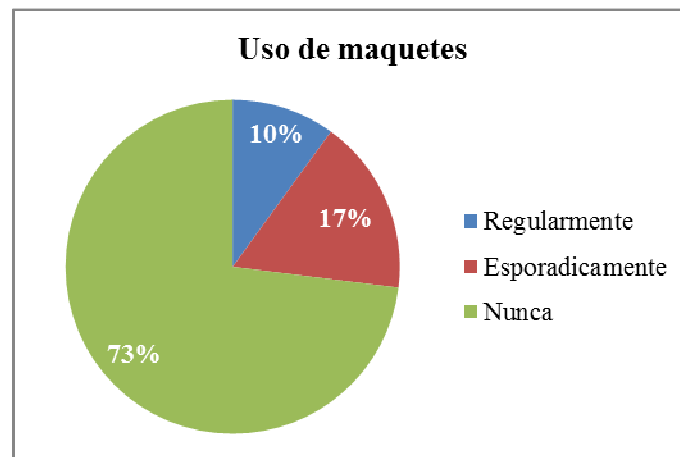


Figura 6: Frequência no uso de maquetes nas aulas de Geografia da EEAPM.

Como se observa, não parece ser dada ênfase no emprego de metodologias mais criativas que superem o tradicional uso do quadro e do giz. Importante frisar que a técnica por si só não produz efeitos significativos sobre o ensino. Toda técnica precisa estar balizada em objetivos, guiada por estes. Sem isso de nada adianta o uso de metodologias ditas inovadoras.

6. CONCLUSÕES

Diante dos resultados apresentados nesse artigo, fica evidente a necessária renovação das metodologias de ensino de Geografia. Faz-se fundamental a busca de abordagens mais dinâmicas dos conteúdos, que instiguem a participação e a criatividade dos discentes. Deve-se mencionar aqui a existência na escola em questão, de diversos projetos que buscam a melhoria do ensino; entretanto, estes não atingem a totalidade dos estudantes. O levantamento dessas informações foi um instrumento



relevante para o desenvolvimento das intervenções dos bolsistas participantes do PIBID. A identificação de pontos fracos no ensino possibilitou a busca de estratégias para sua superação efetivando assim um dos objetivos do programa: a melhoria da qualidade do ensino.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a CAPES pelo apoio concedido.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Portaria Normativa da CAPES nº 122, de 16 de setembro de 2009.** Cria o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Brasília, 2009

_____. **Edital CAPES nº 01/2011 Relação de projetos aprovados.** Diário Oficial da União, Brasília, 07 abr. 2011. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/resultados/Resultado-Pibid-DOU-7-4-2011.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2012.

BRASIL. **Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010.** Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID e da outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 jun. 2010. Disponível em http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/DecretoPIBID_240610.pdf. Acesso em: 23 mar. 2012.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

FARINA, Bárbara Cristina; GUADGNIM, Fábio. “Atividades práticas como elementos de motivação para a aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática”. IN: REGO, Nelson;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 34ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 9ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

MARTINS, R. E. M. W. A trajetória da Geografia e seu ensino no século XXI. In: TONINI, Ivaine Maria *et al* (orgs). **O ensino de Geografia e suas composições curriculares.** Porto Alegre: UFRGS, 2011.

PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** São Paulo. Cortez:2007.

RIO GRANDE DO NORTE. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID: detalhamento do SUBPROJETO (Licenciatura em Geografia) / Levi Rodrigues de Miranda (coordenador).** Natal: CAPES / IFRN, (2011).